

F.T. LUKENS

TRADUÇÃO

ADRIANA KRANSKI

ENFEITICADOS

PARA TODAS AS PESSOAS
QUE SENTEM QUE NÃO SE
ENCAIXAM:

TALVEZ SEJA A HORA DE
QUEBRAR OS MOLDES.





ROOK

DESFEITIZAÇÃO

Não é como se o nome estampado na fachada passasse uma ideia de grandes feitos mágicos. Era um trocadilho. E dos ruins, mas engraçado o suficiente para nomear o atendimento de emergência da empresa desfazedora de feitiços da vizinhança. E embora eu até achasse graça, aquele nome estapafúrdio com certeza não foi o que me trouxe até aqui. Eu não estava enfeitizado. Eu não estava amaldiçoado. Eu não precisava de nenhum tipo de serviço de magia, mas lá estava eu, parado do lado de fora daquele lugar indescritível que tinha aquele nome estampado na vitrine, em uma caligrafia branca bem simples, e um selo de “Aprovado pelo Consórcio” escondido no cantinho do vidro.

Uma planta murcha e triste em um vaso tentava pender na direção de um feixe de luz do sol, e nos fundos o ambiente era mal iluminado, então era difícil ver qualquer coisa além da recepção. Toda aquela cena era a síntese da imagem que eu tinha de um conjunto chique e deprimente de escritórios, até o capacho preto onde se lia “boas-vindas” na entrada, e não aquilo que se poderia imaginar de uma empresa de magia cuja dona supostamente era a feiticeira mais poderosa de Spire City.

Ignorando a tristeza daquela fachada, puxei a maçaneta da porta e entrei. Eu estava com um diploma do ensino médio recém-impresso guardado na mochila, junto com a minha mais nova invenção e um desejo profundo de trabalhar com magia, e não estava disposto a desistir só porque o escritório parecia abandonado. Um arrepio de empolgação ou terror (não dava para saber ao certo) percorreu a minha espinha. A parte interna era de alguma forma ainda mais sem graça do que a fachada, cheia daquelas típicas decorações chatérrimas de escritório, inclusive uma mesa de recepção vazia e uma sala cheia de cubículos de divisórias pré-fabricadas.

Meus dedos começaram a ficar inquietos. Minhas mãos pareciam garras cravadas nas alças da mochila. Eu não sabia como agir. Será que eu deveria gritar um “olá” e esperar que alguém me ouvisse? Será que eu deveria tocar a

sineta em cima do balcão? Ou deveria virar as costas e dar o fora daqui, porque... o que é mesmo que eu vim fazer neste lugar? Um adolescente sem nenhuma habilidade mágica prestes a implorar por um emprego na área da magia.

Cerrei os dentes. Não, eu não iria embora. Eu daria conta. É claro que eu daria conta. Eu precisava dar conta. Eu tinha me formado no ensino médio literalmente no dia anterior e precisava de um trampo. Mas, além disso, eu precisava descobrir o meu lugar. A pior coisa que ela poderia fazer era dizer não. Né? Bom, ela poderia me transformar em um sapo. Afinal de contas, ela era uma feiticeira. Mas duvidei que ela fizesse isso, porque o negócio dela era ajudar pessoas, ainda que por dinheiro. Hum. Bom, não só por dinheiro, eu espero. Eu não estava exatamente nadando na grana, e daí vinha a minha motivação de procurar emprego.

Enfim, eu estava disposto a encarar a possibilidade de ser transformado em um sapo em troca da oportunidade de conversar com Antonia Hex.

Eu me arrastei à frente, arranhando os calcanhares no tapete. Olhei na direção de um cabideiro encostado em um canto, caindo na parede. Ele se virou na minha direção. Eu pisquei. O quê? O cabideiro ajustou a postura e me olhou bem do jeito como eu olhei para ele. Me mordí para conter um berro assustado ao ver aquela coisa se mexer, se arrastando nas três pernas. Ele fez uma grande reverência, curvando-se até a cintura, ou no que seria a cintura de um cabideiro. Então ele fez um gesto na direção da minha mochila, estendendo uma haste como uma forma de convite.

Apertei a mochila até as juntas dos meus dedos ficarem brancas e dei um passo para trás, pois tive uma epifania abrupta e nítida de que a minha razão e os meus instintos de autopreservação não estavam tão afiados quanto deveriam para um garoto não mágico de dezessete anos.

Em primeiro lugar: eu deveria ter surtado ao ver aquele cabideiro tão solícito, mas embora eu tenha ficado levemente desconfiado, porque, afinal, aquilo era bizarro, de alguma forma aparentemente fiquei calmo. Eu queria cutucá-lo para ver o que aconteceria, fiquei curioso para entender os mecanismos de um cabideiro que obviamente era mágico, mas a autopreservação acabou falando mais alto, e resisti à tentação.

Em segundo lugar: eu tinha entrado por vontade própria em uma empresa cuja dona e administradora era uma feiticeira formidável. Eu tinha certeza de que muitos clientes já tinham entrado e saído dali durante a existência da agência (senão ela não estaria mais no mercado). Mas também tinha certeza de que poucos eram humanos quebrados de grana e sem poder algum como eu. E, em terceiro, enquanto o cabideiro estava lá parado, esperando impacientemente que eu entregasse a minha mochila, me dei conta de que aquilo ali era *magia*. Magia de verdade e poderosa. Algo que eu não vivia há muito tempo. A euforia de sentir uma pontadinha daquilo pinicando na minha pele

espantou todas as apreensões que reviravam o meu estômago, deixando no lugar apenas uma profunda reverência.

Respirei fundo e me contorci para passar pela porta. Apesar do nome, a Desfeitização era uma empresa de renome que atendia emergências mágicas, especializada em desfazer feitiços, maldições e maus agouros. Eu tinha pesquisado bastante. A proprietária, Antonia Hex, era uma feiticeira poderosa, e diziam por aí que, embora ela não fosse exatamente *má*, também não era exatamente o que se poderia chamar de *boa-zinha*. E se um dia ela quisesse abraçar o lado mau, não havia ninguém que pudesse impedi-la.

Eu deveria no mínimo estar aterrorizado ou cauteloso. E estava, mas aquilo não me impediria de tentar descolar um trabalho, porque eu queria muito aprender com ela.

O cabideiro enfeitado fez outro gesto na direção da minha mochila. Balancei a cabeça. Calma, será que ele era enfeitado ou amaldiçoado? Eu não conhecia a terminologia exata. Só sabia que aquilo era um objeto inanimado e impregnado de magia para que agisse como uma espécie de comitê de recepção do escritório. Se existia um cabideiro ranzinza, aquele ali era exatamente isso. Ele cruzou seus bracinhos magrelos, virou-se na base e se arrastou para voltar ao seu posto ao lado da porta. Ops, ofendi o cabideiro. Eu deveria ter entregado a mochila, né? Será que isso era um teste?

Pigarreei. Eu devia estar fora de mim. Só um pouquinho. Porque, por mais que eu pudesse pesquisar sobre a empresa e bisbilhotar a vida da proprietária, a magia contida por trás daquilo era guardada a sete chaves, disponível apenas para alguns escolhidos.

Fiquei me agitando nervoso em cima do capacho da entrada e meus tênis esfarrapados faziam um barulho irritante na borracha. Por um instante, me veio à cabeça um pensamento aterrorizante de que talvez o capacho também estivesse enfeitado e eu estava basicamente dançando na cara dele, quando ouvi um estrondo seguido de uma série de palavrões vindos do interior da sala.

— Filho da puta — uma mulher resmungou, saindo da copa que ficava atrás da divisória, esfregando com um guardanapinho uma mancha de café que se espalhava rapidamente pela sua blusa. Ela era alta, principalmente porque estava de sapatos de salto vermelhos altíssimos, e tinha cabelos longos e escuros, uma pele morena dourada e uma aura intimidadora.

— Essas geringonças modernas não servem para... — ela parou de falar quando olhou para cima e me viu parado ao lado da porta. Sem dúvidas, ela era lindíssima, com lábios rosados, sobrancelhas desenhadas à perfeição e cílios grossos, mas sua característica mais marcante eram os olhos violeta. Eles me penetraram feito flechas. Suas unhas compridas estavam pintadas de preto e se curvavam em torno do guardanapo encharcado e amassado na mão dela, enquanto a mancha era absorvida pelo tecido da manga da blusa.

Ela franziu as sobrancelhas ao olhar para mim. E então direcionou o olhar para o cabideiro aninhado no canto da sala.

— Por que você não me avisou que tinha alguém aqui? — ela perguntou.

O cabideiro deixou cair os ombros e se virou para ignorá-la, como um cachorrinho que leva uma bronca.

— Ei, não fique assim — ela disse, com o tom mais brando. — Mas de que adianta ter móveis enfeitiçados para cuidar da porta se eles não fazem o trabalho direito?

O cabideiro pareceu suspirar e, inclinando-se na minha direção com um gesto, apontou a direção do escritório.

— Bom, agora é tarde — a mulher disse, balançando a cabeça. — Agora vá... limpar o café. A cafeteira queimou de novo. — De algum jeito, o cabideiro expressou todo o seu tédio ao encolher seu corpo de madeira. — Sim. Eu já sei — ela disse, fazendo uma careta. — Uma hora eu cuido disso.

O cabideiro saiu encolhido e a mulher se virou para mim. A manga da blusa, antes branca, agora estava marrom, molhada e colada ao seu braço.

— Não ligue para ele — ela disse, dando de ombros. — O Herb é temperamental nos melhores dias.

— Herb? — perguntei. Foi a primeira coisa que eu disse desde que entrei na empresa.

— É o nome dele. Imagino que você nunca tenha conhecido um cabideiro enfeitiçado antes.

Enfeitiçado. Era enfeitiçado, e não amaldiçoado.

— Não. Mas a minha avó tinha uma chaleira bem mal-humorada.

Ela assentiu.

— Às vezes o conforto não vale o trabalho que dá. Enfim, quem é você e por que está aqui?

Eita. A pergunta saiu assim, do nada. Mas vamos lá. Ergui os ombros, ajeitando a postura.

— O meu nome é...

Ela ergueu a mão e me interrompeu.

— Pare. — Os olhos violeta brilharam. — Vamos deixar os nomes de lado por enquanto. Conte para mim por que você está aqui.

Eu não sabia como dar conta daquilo. Mas engoli em seco.

— Estou aqui para falar com... a dona, se possível.

— É mesmo? — ela falou, marcando bem as palavras. Ela me olhou de cima a baixo. — Você foi amaldiçoado?

— Não.

— Enfeitiçado?

Engoli em seco.

— Não.

Ela estalou os dedos.

— Então você foi agourado. Não se preocupe, querido. Os maus agouros costumam acabar sozinhos. Você não precisa dos serviços da Antonia para um mau agouro simples, se for dos leves. — Ela olhou em volta do escritório, cobriu a boca com as mãos e sussurrou de um jeito cenográfico. — Você provavelmente não poderia pagar pelo serviço mesmo.

Bem como eu imaginei.

— Ééé... não. Não é por isso que estou aqui. — Meus joelhos tremeram. — Estou aqui para me candidatar a um emprego.

A mulher ergueu a sobrancelha.

— Um emprego? Com a feiticeira mais poderosa da cidade? Possivelmente do mundo? Você?

Meu coração acelerou.

— Eu?

— Isso é uma pergunta?

— Não.

— Então você não quer o emprego.

— Não, calma. Sim, eu quero o emprego.

Ela riu.

— Estou brincando com você, garoto. Venha — ela disse, virando-se e jogando o cabelo nas costas. — Venha comigo até o escritório da chefinha. Vamos deixar você bem à vontade.

Ao pisar para fora do capacho da entrada para ir atrás dela, senti uma batida forte no meu tornozelo. Com o susto, tropecei atrás da Antonia, logo depois de passar pela entrada, antes de chegar ao escritório.

— Ah, e cuidado com o capacho — ela disse, olhando para trás e apertando os olhos. — Ele é amaldiçoado.

Claro. Que maravilha.

Ela sacudiu o pulso e a porta interna abriu. Ela me levou para dentro do prédio, passando por uma fileira de cubículos, até chegar a um escritório gigante. O escritório tinha uma parede de vidro temperado com porta e uma mesa com pés estilo Luís XV ao lado de uma janela enorme. A placa dizia ANTONIA HEX em letras garrafais. Tinha um computador, mas estava afastado para o canto, como se a máquina não fosse tão importante quanto o catatau encadernado em couro que ocupava boa parte da mesa. Ao lado do livro, havia um caldeirãozinho em cima de uma chapa quente e uma fileira de frascos em um suporte de madeira.

A mulher deu a volta na mesa e se acomodou na cadeira de encosto alto. Ela murmurou e balançou os dedos, então o ar mudou de direção e a mancha de café no braço dela desapareceu em um piscar de olhos. Tentei não ficar encarando de olhos arregalados, mas eu tinha acabado de ver mais magia nos últimos segundos do que no último ano inteiro e a empolgação começou a borbulhar no meu peito.

Ela se encostou na cadeira, juntou os dedos em frente ao rosto e inclinou a cabeça.

— Sente-se e diga por que você quer trabalhar para mim.

Hein? *Hein?* Ela não era uma funcionária aleatória do escritório. Ela era a própria Antonia Hex.

Eu me senti desajeitado, me esquecendo da mochila, que ficou esmagada entre as minhas costas e a cadeira. Fiquei enroscado nas alças da mochila por um tempo até que finalmente consegui me soltar e jogá-la aos meus pés.

— Cuidado, garoto. Não vai se machucar.

— Desculpe. — Respirei. — Eu... eu... É que...

— Eu não sou como você esperava?

Eu balancei a cabeça.

— Sinceramente? Não.

— Que bom. Não gosto de ser previsível. As coisas ficam mais interessantes assim. — Ela levou um dedo aos lábios. — Deixe-me adivinhar. Você ouviu falar sobre “a feiticeira mais poderosa de uma era” e procurou sobre a empresa na internet e logo imaginou uma bruxa velha, decrépita e toda enrugada ou uma vovozinha caduca brincando com poções. Estou certa?

Quase isso. Eu pensei mesmo em uma vovozinha, mas por outros motivos. Cocei a minha nuca.

— É, tipo isso.

— Bom — ela abriu os braços e sorriu — as aparências enganam. — Vamos começar. Mas antes você precisa parar de tremer.

— Como? — Ela apontou para onde a minha perna estava balançando loucamente. Eu nem tinha percebido. — Desculpe. Estou nervoso.

— Dá pra ver — ela disse, com um sorriso gentil. — Não se preocupe. Eu não mordo. — O sorriso se ergueu no canto da boca, ganhando uma certa malícia. — Bom, eu não mordo crianças.

— Poxa, que bom... né?

Ela riu, soltando um som grave da garganta.

— Você é fofo, tenho que admitir. Mas eu não contrato ninguém por causa de fofura. Então desembucha, garoto. Por que você veio aqui?

Certo, era a minha chance. Eu treinei a minha fala na frente do espelho durante uma semana toda. Fiz anotações com tópicos. Trabalhei na minha linguagem corporal e na minha aparência. Até coloquei a minha melhor camisa e a minha calça jeans mais nova e passei algum produto barato no meu cabelo castanho para tentar deixá-lo mais comportado.

— Eu sinto falta da minha vó. — eu despejei. Não. Essa não. Não era assim que eu queria começar. — Ela morreu há um ano. — Bom, consegui piorar ainda mais.

Antonia cerrou os olhos.

— Eu não sou médium — ela disse, franzindo os lábios. — E apesar do que dizem por aí, eu não posso reviver os mortos. Bom, verdade seja dita, eu até que poderia, mas isso é considerado necromancia e é malvisto no meio. Não que eu me importe com o que pensam de mim. Mas não vale a papelada e a fiscalização.

— Não, eu sei. Quer dizer, eu não sabia disso. Mas não foi por isso que... eu não vim aqui para... Desculpe. Não é... O que quero dizer é... — Vamos lá, pessoa, diga uma frase. — Eu sou um gênio.

Ela ergueu as duas sobrancelhas.

Que merda. Também não era isso que eu queria dizer.

— Espere. Desculpa. — Passei a mão no cabelo e tremi todo quando senti a meleca gosmenta do gel. Meu cabelo provavelmente se arrepiou e o meu rosto estava queimando de vergonha. E agora os meus dedos grudaram na mão quando cerrei o punho. Eu não conseguia olhar para ela, então fiquei olhando para o chão, morrendo de vergonha.

— Era isso que você imaginava? — ela perguntou, quebrando o silêncio ao batucar as unhas na mesa de madeira.

— Não — eu murmurei.

— Bom, pelo menos você é sincero. Mas por mais engraçada que esteja essa situação, eu tenho que trabalhar, então... — Ela fez uma pausa.

Ergui a cabeça e fiz o que pude para me recompor.

— Quero trabalhar com você porque quero ajudar pessoas, como você ajuda. A minha vó era uma feiticeira simples que fazia algumas poções e cuidava de todo mundo da vizinhança. E é isso que a magia representa para mim. E eu sou mesmo um gênio. Me formei antes que todo mundo no ensino médio, com as notas mais altas da turma, e eu aprendo conceitos difíceis com muita facilidade. Eu sou leal, obediente e pontual. Eu trouxe referências de alguns professores, se você quiser ver.

Ela dispensou a oferta.

— Eu sou motivado e trabalhador e quero muito, muito trabalhar para você.

Antonia se inclinou para a frente, colocando os cotovelos nas páginas do livro e mantendo uma expressão plácida, quase entediada.

— Por que trabalhar com feitiços e não com um daqueles lugares espalhafatosos de magia lá do centro? — ela falou acenando a mão.

Ah, sim. As feiticeiras freelancers que fazem magia por encomenda por valores exorbitantes. Ouvi alguns colegas da escola se vangloriando porque suas famílias haviam contratado feiticeiras para a festa de formatura, para ter candelabros enfeitados voando e reluzindo, decorações que mudavam a cada hora e taças que não deixavam a bebida cair. Magia fútil e metida a besta que custava mais do que todo o dinheiro que eu já tive na vida.

— Eu não quero trabalhar para elas. Eu quero trabalhar para você. Dizem que você é a melhor.

— Dizem? — Antonia escarneceu. — Garoto, eu *sou* a melhor.

— Então eu quero trabalhar para você.

Ela assentiu.

— Certo. Faz sentido. Mas você sabia que o trabalho com feitiços é sujo e que é a forma mais inferior de magia disponível no mercado?

Engoli em seco. Era algo que eu imaginava e que achava que aumentaria as minhas chances de ser contratado, principalmente se não houvesse muitos outros concorrentes à vaga.

— Então por que a melhor feiticeira da cidade se dedica a isso?

Ela deu um sorrisinho malicioso.

— É mesmo, por quê?

Aquilo não era uma resposta. E meus fracos instintos de autopreservação disseram que eu provavelmente ficaria apavorado ao ouvir a resposta, seja lá qual fosse, então mudei de assunto, já que ela tinha evitado a pergunta. Eu me agarrei à cadeira.

— Enfim... — Antonia acabou com a tensão, sem me dar um segundo para continuar pensando no assunto. — E se eu não tiver nenhuma vaga aberta?

Eu estava preparado para essa.

— Eu trabalho por um salário mínimo. E, se não for possível, aceito uma mentoria. Ou eu poderia ser seu aprendiz!

Ela fechou a cara em uma expressão amarga.

— Eu não contrato aprendizes. Eu não ensino magia. E eu trabalho sozinha. Isso era de cortar o coração. Passei a língua nos lábios.

— Nem um voluntário?

Ela inclinou a cabeça, com os olhos pegando fogo ao me analisar de cima a baixo.

— Quero ver a sua mão. Com as palmas para cima.

Não era um pedido.

Engoli em seco, com medo e otimismo ao mesmo tempo. Tremendo de nervoso, estiquei a mão não gosmenta. Ela segurou e me puxou para perto dela, forçando-me a sentar na ponta da cadeira. Ela começou a beliscar a minha pele com as unhas e olhou atentamente para a palma da minha mão, passando o dedão pelas linhas. Então, ela apertou a ponta de um dos dedos com força, bem no meio. Doeu, mas eu consegui não puxar a mão e só cerrei os dentes para não deixar escapar um gemido. Imaginei que aquilo pudesse acontecer, que eu teria que passar por esse teste de novo e eu tinha me preparado para ele, então cerrei os dentes e aguentei a dor. Eu já tinha reprovado nesse teste uma vez e o medo de reprovar de novo me consumia, fazia meu estômago revirar e minhas mãos tremerem. Mas eu também estava cheio de esperança, porque Antonia era a feiticeira mais qualificada da cidade e talvez o resultado desta vez seria diferente, porque talvez ela veria que ali era o meu

lugar. Esse era um dos motivos por eu ter vindo, e me apeguei à esperança de que o resultado poderia ser diferente.

Depois de um minuto de tortura, ela soltou a minha mão.

— Você não é mágico — ela disse, franzindo as sobrancelhas enquanto estudava a minha mão. — Não consigo sentir nenhuma habilidade mágica dentro de você.

Eu me esforcei para não murchar ali mesmo, mas senti um aperto na garganta e o calor das lágrimas não derramadas acumuladas nos meus olhos.

— Você consegue ver alguma linha de Ley? — ela perguntou.

Linhas de Ley. A fonte de toda a energia mágica. Elas atravessam o globo, sendo mais fortes em algumas partes do mundo do que em outras. Algumas das linhas mais grossas e poderosas convergiam aqui em Spire City. Os feiticeiros conseguiam vê-las e usá-las para fazer feitiços e misturar poções, captando o poder mágico que elas emanam. É como um wi-fi mágico. Dizem até que alguns feiticeiros são tão hábeis que conseguem criar e guardar dentro deles uma reserva de energia a partir das linhas, para usar posteriormente. Mas são só boatos.

Antonia ergueu a cabeça de repente e soltou a minha mão, que caiu na mesa com uma pancada.

— E aí?

Eu não conseguiria mentir mesmo se quisesse.

— Não — eu disse. — Não consigo.

Ela se reclinou na cadeira e juntou os dedos em frente ao rosto.

— Hum. Certo, isso foi divertido. Mas sem habilidades mágicas, eu sinto muito, mas não há o que você fazer aqui.

As palavras dela foram como um tapa na minha cara. Não foi por maldade, foi só uma constatação. Mas doeu mesmo assim, porque cutucou a ferida aberta da minha insegurança que me falava baixinho que eu nunca me encaixaria em lugar algum. Inteligente demais para o meu próprio bem. Consciente demais sobre o mundo mágico para conseguir viver sem ele, mas não mágico o suficiente para ser incluído e definitivamente não rico o suficiente para conseguir entrar nele. No fundo eu sabia que abordar a Antonia era um tiro no escuro, uma tentativa desesperada de tentar achar o meu lugar, mas eu tinha esperanças... em meio ao meu desespero, desejei que ela, com todo o seu poder, visse alguma magia em mim, quando ninguém mais viu, e talvez ela pudesse sentir que aquele era o meu lugar e me deixasse fazer parte do mundo dela. Mas ela não viu nada. Meu coração afundou e meu rosto ficou vermelho de vergonha.

— Nada? — eu perguntei, com a voz embargada. — Nadinha?

— Não, garoto. Sem magia, por lei eu nem poderia te contratar. — Ela me estudou. Os olhos dela capturaram a luz, brilhando como duas joias. — Você não vai chorar agora, vai? — ela perguntou.

Eu balancei a cabeça, tentando desesperadamente me controlar diante da minha absoluta desolação.

— Não — eu disse, com a voz rouca, piscando para não deixar as lágrimas caírem. Eu esperaria, no mínimo, até pegar o ônibus de volta para casa.

— Olha, garoto, nesse ramo, é preciso... Bom, até a moça que administra o escritório tem um pouco de magia. Não é algo superficial. É caótico e pode ser assustador para quem nunca viu antes. E eu não tenho tempo para treinar alguém que não sabe a diferença entre um feitiço e um mau agouro e que não me ajudaria a desfazer nenhum deles. Eu sinto muito.

Apertei os lábios e concordei com a cabeça.

— Eu entendo.

— Que bom, porque...

O telefone no canto da mesa tocou. Era um típico telefone de escritório, mas tocava tão alto que chegava a ser *irritante*. Nós dois nos encolhemos ao ouvir o barulho. Antonia praguejou e apontou um dedo para o telefone, soltando uma onda de magia que fez o telefone cair de lado. Ele continuou a tocar, mas agora com um barulho mais parecido com uma baleia morrendo do que com uma campainha estridente. Depois de um momento de tortura, o som finalmente engasgou, fazendo um sinal de discagem sinistro.

Antonia colocou a mão no ouvido.

— Desculpe. A gerente do escritório está de férias e não sei como essa porcária de telefone ficou no volume máximo e não tenho ideia de como abaixar e também não consigo consertar com magia, senão ele vai explodir.

— Explodir?

Antonia estremeceu e apontou para trás de mim. Eu virei a minha cadeira e vi uma caixa com os restos mortais de um telefone igualzinho ao que estava em cima da mesa dela. Também havia fragmentos do que parecia ser uma luminária e... uma impressora?

Uau. Ergui uma sobrancelha e me virei.

— Foi isso que aconteceu com a cafeteira?

Ela bufou.

— Mágica e máquinas não combinam.

Agarrei a minha mochila com os pés.

— E eu sou mágica e quebro essas tralhas eletrônicas o tempo todo. — Ela suspirou. — Eu queria tanto aquele café.

Meu coração saltou e meus pensamentos fervilharam diante daquela possível oportunidade. Talvez houvesse outra forma de entrar. Eu pigarreei.

— Eu posso consertar — eu disse, apontando para o telefone com a cabeça. — A cafeteira também. Eu não estava mentindo quando disse que eu era um gênio.

Ela ergueu o queixo, endireitou-se na cadeira.

— Você sabe consertar aquilo?

— Sei. Eu levo jeito com equipamentos eletrônicos, com tecnologia. — Eu me inclinei e ajetei o telefone. Ao tirar o receptor da base, vi o botão do volume no teclado e ajustei para um volume menos ensurdecedor. Foi moleza, algo que Antonia poderia ter descoberto sozinha, mas eu não hesitaria em explorar essa recém-descoberta fraqueza a meu favor. Fiz um gesto na direção do notebook que estava jogado no canto. — Você usa aquilo ali?

Antonia revirou os olhos e cruzou os braços, na defensiva.

— Eu sei usar. Só não uso. Prefiro assim. — Ela olhou para o notebook como se fosse um monstro que viria comê-la viva. — Tá bom, eu admito. Eu não gosto desse treco. Ele não gosta de mim. Temos um acordo mútuo.

— Ele é enfeitado como o capacho?

— Bem que eu queria. Aí eu saberia consertar.

Bom, isso era uma migalha de vantagem. Então eu continuei.

— Se você quiser, posso dar uma olhada.

Ela me mediu com um olhar astuto e apontou um dedo para o meu rosto.

— Não ache que eu não sei o que você está fazendo — ela disse, com os lábios se abrindo em um sorrisinho irônico. — Mas tudo bem, se você consertar o computador, o emprego é seu.

— Sério?

— Em caráter de *experiência*. E só no escritório. Sem magia. Sem trabalho de campo. Só papelada do escritório.

Não era exatamente o que eu queria, mas estava bem próximo. Melhor do que nada. Pelo menos eu voltaria a me aproximar do mundo da magia.

— Certo. Combinado.

Ela assentiu.

— Você estuda ou coisa do tipo?

— Eu já me formei.

— Sei. Bom, então volte amanhã cedo para consertar o notebook. Depois disso nós conversamos.

Eu escancarei um sorriso, com a cabeça girando por causa daquela montanha-russa emocional de rejeição e aceitação em questão de minutos.

— Tá bom. Maravilha. Que incrível. Eu venho então. Obrigado. Estou muito animado!

— Não faça eu me arrepender, garoto. Vá embora antes que eu mude de ideia.

Eu me levantei apressado, jogando a mochila por trás do ombro.

— Tá bom. Claro. Fui. — Saí tropeçando do escritório, passando pelo corredor depois da área dos cubículos, até chegar à recepção. Acenei para o Herb, que me ignorou, virando-se para o lado em uma pose dramática.

— Ô garoto! — Antonia me chamou.

Eu parei, deslizando os pés, e me virei. Antonia apareceu na porta do escritório e o grito dela atravessou o espaço vazio.

— Como é seu nome?

— Edison — eu respondi gritando. — Edison Rooker.

Ela fez uma careta.

— Que nome horrórico — ela murmurou. — Vou chamar você de Rook. Beleza? Feito.

Bom, era próximo. Eu me virei para chegar à porta.

— E cuidado com o...

Ao passar pelo capacho, ele se sacudiu para o lado, puxando meu pé. Eu tropecei, mas consegui evitar um tombo ao me segurar na parede... com o rosto.

— Capacho — Antonia terminou a frase.

— Eu tô bem! — Meu nariz latejava. Senti uma gota de sangue sair pela minha narina. — Tá tudo bem. Tudo bem.

Ouvi uma risada abafada e um “minha nossa” assim que eu saí pela porta, mas eu não me virei, morrendo de vergonha, ensanguentado e ciente de que a minha posição com a Antonia era frágil o bastante a ponto de poder ser arruinada por um encontro com um tapete enfeitiçado. Melhor dar o fora antes que ela mudasse de ideia.

Correndo na direção do ponto de ônibus, não consegui deixar de rir, mesmo com o nariz doendo. A sensação era de que eu podia correr uma maratona e dormir por uma semana ao mesmo tempo. Olhando o meu reflexo na porta do ônibus enquanto ele parava para eu subir, vi que eu estava com uma cara meio de doido e fiz o melhor possível para ajeitar o cabelo e limpar as manchas de sangue do meu rosto. A motorista do ônibus me olhou de cara feia quando eu subi e passou o meu cartão, mas não disse nada e eu fui me sentar em um assento da janela do fundo.

Eu afundei no banco e a minha perna começou a balançar com toda aquela empolgação e ansiedade. Fiquei vendo a cidade passar, uma visão desfocada de prédios altos e ruas movimentadas. Spire City era uma cidade imensa, estendendo-se para todos os lados. Uma das maiores cidades do mundo, muito diferente do lugarzinho onde eu cresci, na chácara da minha avó, bem no final da cidade. O escritório da Antonia ficava a uma hora de distância de ônibus do meu apartamento, mas valeria a pena. Supervaléria.

Mas a melhor parte era voltar a conviver com magia. Não seria como quando eu morava com a minha vó, que conjurava borboletas brilhantes para eu caçar na primavera ou enfeitiçava o fogo para aquecer a casa no inverno. Onde sempre havia um caldeirão borbulhando com alguma coisa: uma sopa, um remédio para gripe ou uma bebida doce e gasosa para os dias mais quentes de verão. Mas seria melhor do que a solidão do meu apartamento e a ausência de qualquer laço familiar.

Tirei o celular do bolso e vi as horas. Eu não tinha recebido nenhuma mensagem, o que não me surpreendeu. Eu não tinha amigos na escola, só colegas de turma e conhecidos, pois eu era o novato que entrou na escola no terceiro ano do ensino médio e mais novo do que todos os colegas da turma. E, embora a assistente social que acompanhava meu caso tivesse me garantido que o auxílio e o aluguel seriam pagos até eu fazer dezoito anos, agora que eu tinha acabado o ensino obrigatório, estava sozinho, largado à minha própria sorte. Ninguém me controlando, nenhuma supervisão e sem nada que me impedisse de correr atrás dos meus interesses e de colocar em prática o meu plano capenga de tentar voltar para a comunidade mágica. A comunidade da qual fui expulso quando a minha avó morreu.

E com esse pensamento, mesmo depois daquela tarde empolgante, afundei no banco e encostei todo o peso da minha cabeça na janela. Apaguei enquanto o ônibus percorria aquelas ruas movimentadas, chacoalhando ao subir no meio-fio, buzinando para os pedestres e freando bruscamente em cada uma das inúmeras paradas pelo caminho.

Quando finalmente chegou no meu ponto, saltei e saí do ônibus, bocejando ao sentir bater o cansaço depois daquele dia cheio. Andei rápido pelo caminho que me levava até em casa, com a cabeça abaixada e as mãos enroladas nas alças da minha mochila. Eu morava no quarto andar e, mesmo com o elevador capenga e com os botões estragados a maior parte do tempo, preferi arriscar o elevador a subir de escada, porque eu estava à beira de um esgotamento. Quando cheguei na porta de casa, eu estava podre.

Ao entrar, joguei os sapatos para longe e larguei a mochila no sofá. Liguei a TV para ouvir algum barulho de fundo e fui remexer no freezer. O apartamento estava quieto e parado. Solitário, para ser sincero. Mas eu já estava sozinho havia um ano, desde que a minha vida virou de cabeça para baixo, e era fácil se entregar ao conforto dele. Não que fosse algo ruim, e agora eu tinha um trabalho pelo qual esperaria ansiosamente, já que eu voltaria à Desfeitização na manhã seguinte.

Com os pés na mesa de centro e um gelo envolvido em um papel-toalha no nariz, coloquei a mochila no colo. Abri e tirei com cuidado o aparelho no qual vinha trabalhando havia um ano. O Mapeador de Magia.

Criar esse aparelho foi a única coisa que me motivou desde o dia que fui forçado a deixar a chácara da minha avó e obrigado a morar sozinho na cidade. Desde então, a magia foi arrancada da minha vida, quando uma feiticeira qualquer que trabalhava para o governo pressionou o dedo na palma da minha mão e me considerou *não mágico*, impedindo-me de ficar na casa em que vivi a vida toda e na comunidade que eu amava. Incapaz de ver as linhas de Ley, eles disseram. Incapaz de aprender a conjurar. Incapaz de usar magia. Banido para o mundo de fora, olhando para dentro e sabendo que a única forma de entrar ali era tendo muita grana, o que eu não tinha.

Eu esperava que, se a feiticeira mais poderosa da cidade (do mundo, se eu acreditasse na Antonia) lesse a palma da minha mão, ela poderia ver uma faísca que ninguém viu, poderia ver um potencial adormecido dentro de mim que ela poderia despertar. Mas ela não viu. A confirmação daquele fato doeu mais do que eu achei que doeria. E mesmo se ela tivesse encontrado um tiquinho de magia, ela deixou bem claro que não me ensinaria, o que me fez sentir de novo a dor lancinante da rejeição.

Mas eu ficaria bem. Já tinha passado por coisa pior. E, embora não fosse agradável, aquilo só significava que eu teria que recalibrar e me ajustar, algo que eu dominava com excelência. Ela não me ensinaria diretamente sobre magia, mas isso não significava que eu não pudesse aprender sozinho. Aprendi a me virar na cidade. Eu poderia arranjar um lugar para mim no mundo mágico. Foi por isso que criei o Mapeador de Magia. Eu não conseguia ver as linhas de Ley, então desenvolvi um aparelho que conseguia vê-las por mim.

Verifiquei o aparelho, para garantir que não tinha sido danificado. Apertei o botão, ele ligou, acendeu e a tela começou a piscar. Aquele era o primeiro passo rumo à minha vida nova, pois se eu pudesse ver a magia sozinho, ela nunca mais poderia ser tomada de mim. Apesar de alguns pequenos contratemplos, mantive a esperança. Eu precisava manter, porque era a *única* coisa que me restava. E com a ajuda da Antonia, mesmo sem ela saber, eu nunca mais ficaria sem magia.

2

ROOK

— VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM ANTIVÍRUS? — PERGUNTEI, BATENDO NAS TECLAS DO notebook da Antonia. A máquina hospedava uma quantidade impressionante de vírus, e eu fiquei surpreso pelo fato de que ainda funcionava. Ela espiou por cima dos meus ombros, cerrando aqueles olhos violeta, mas não sei se aquela desconfiança era comigo ou com o computador.

— Eu preciso disso?

— Precisa — eu disse, com um sorrisinho. — Principalmente se você não quiser que alguém tente roubar os dados do seu cartão de crédito ou bisbilhotar a sua vida.

— Bom, feitiçeras são boas em guardar segredos, você sabe.

Girei na cadeira que a Antonia colocou em um dos cubículos vazios, enquanto o software que eu tinha instalado começou a rodar.

— Já percebi. E por quê?

Ela deu um gole em uma xícara enorme de café, que eu tinha feito depois de consertar a máquina chique de café expresso, e jogou o cabelo comprido e castanho para trás do ombro. As unhas estavam pintadas de azul, para combinar com a blusa.

— Imagino que você já deva ter ouvido falar sobre o Consórcio Mágico.

Eu fiz que sim e apontei para a vitrine.

— Aquele do certificado na vitrine?

— O próprio. É como uma agência reguladora do mundo mágico. Uma chatice burocrática, se você quer saber o que eu acho. Mas são eles que fazem as regras que os feiticeiros e as feitiçeras precisam seguir, mesmo sendo regras limitantes, sem sentido, que só existem para dificultar a minha vida.

Eu não me lembro de a minha avó ter comentado sobre esse tal de Consórcio Mágico, mas soube da existência deles a partir do turbilhão de eventos que sucederam à morte dela, inclusive a avaliação que terminou comigo sendo banido do mundo mágico. A logo do Consórcio também estava estampada em todos os certificados nas vitrines das empresas de magia da cidade, e quando tentei pesquisar sobre magia na internet, costumava encontrar uma mensagem de “Esta página foi banida pelo Consórcio Mágico” sempre que eu me aproximava das informações quentes.

— Eles parecem divertidos — eu disse, voltando a consertar o computador. Antonia bufou.

— Tudo menos isso. E eles não são muito fãs de compartilhar informações com pessoas de fora do “círculo íntimo”. — Ela fez aspas com os dedos, o que me impressionou, já que ela ainda estava segurando a xícara de café. — Eles têm um chique se compartilhamos informações mágicas com pessoas não mágicas. É por isso que você não vai encontrar informações sobre magia na internet ou em qualquer lugar além dos livros de feitiços estritamente controlados. Eles ficam de olho no fluxo de informações. E enquadram na hora qualquer um que tenta sair da linha.

Comecei a suar frio. Enquadram? Não parecia muito agradável. Quando eu estava criando o Mapeador de Magia, tentei encontrar um mapa com as linhas de Ley da cidade para comparar com as minhas leituras, já que eu não conseguia enxergar as linhas. Foi um esforço inútil. As únicas pessoas que se ofereceram para dar alguma pista sobre o funcionamento eram suspeitas e queriam se encontrar em estacionamentos escuros ou becos pela cidade, em horários estranhos e locais isolados. Eu até pensei em me encontrar com um deles uma vez, mas não queria virar o próximo mistério de assassinato não resolvido a aparecer no programa de crimes verídicos na TV.

— Enquadram? — perguntei, tentando parecer indiferente.

— Enquadram. Reprimem. Rebaixam para papéis mágicos menores. — A última parte saiu com certa amargura e rancor e senti um arrepio na espinha com aquela insinuação de que Antonia já esteve do lado errado do Consórcio. Ela batucou os dedos na xícara e continuou. — Eles gostam de fingir que exercem algum controle sobre os feitiçeiros atuantes, mas não conseguem ficar de olho em todo mundo ao mesmo tempo, nem mesmo com aqueles espelhos de clarividência que eles têm. Não passa de burocracia e jogos de poder disfarçados de regulamentos e segurança. — Ela revirou os olhos. — Mas, na verdade, é para arrecadar dinheiro. Aquele certificado na minha vitrine foi muito caro. Entende aonde eu quero chegar?

Uau. Interessante.

— Sério? Eu achava que aquele certificado era como um daqueles alvarás da Vigilância Sanitária que a gente vê nos restaurantes.

Antonia riu.

— Não exatamente.

— E para uma feitiçeira supostamente boa em guardar segredo — eu disse, acompanhando o progresso do software —, você não parece se importar em divulgar os segredos do Consórcio para pessoas não mágicas.

— Bom — ela disse, mordendo os lábios —, digamos que eu e o Consórcio não somos muito amigos.

Interessante também.

— Mentira — eu disse, fingindo surpresa. — Sério? Eu não tinha percebido. Você parece ter tanta consideração por eles e pelas políticas deles.

— Não diga isso. Eu tenho uma reputação a zelar. — Ela sorriu, apertando os lábios. — Eles gostam de se intrometer. Garantir que eu não estou fazendo nada que não deveria, mesmo eu me comportando direitinho há décadas. Cometi um erro bobo quando eu era jovem e inconsequente e isso vai me perseguir pelo resto da vida. É ridículo.

— Posso saber o que é?

— Melhor não. — Ela tomou mais um gole de café. — Enfim, foi uma confusão. Feitiços, mortes, enfim.

Arregalei os olhos.

— Aliás, o café está gostoso — ela disse, erguendo a xícara e mudando de assunto. — De algum jeito, você fez a cafeteira funcionar melhor.

A minha preocupação foi maior do que o orgulho que senti ao ouvir o elogio.

— Mortes? — perguntei.

Ela deu de ombros.

— Eu não deveria ter dito nada. Enfim. Precisamos conversar. Você cumpriu a sua parte do trato. O computador está arrumado. O café está bom. Então, eu preciso cumprir a minha.

Fiz de tudo para não sorrir demais. Debaixo da mesa, senti a perna tremer de nervosismo.

— Certo — eu disse, com a voz embargada. Muito esforço para manter a calma.

Ela teve a elegância de não comentar nada, mas vi seus lábios se contorcem nos cantos.

— Você vai trabalhar cinco dias por semana. Vai atender às ligações para mim e conversar com os clientes. E vai consertar tudo que eu quebrar.

Não pareceu tão ruim.

— Pode deixar comigo.

— Eu vou pagar por semana.

Pareceu ainda melhor.

— Maravilha.

— Ótimo. Mas que fique claro que eu não sou sua mentora. Não sou sua amiga. E você não é meu aprendiz. Sem magia. Você é um assistente administrativo. E não quero que o Consórcio ache que eu estou violando as regras, então concentre-se na parte de tecnologia. Entendido?

— Sim. Acho que sim. — Não era o ideal para o meu plano. Eu precisava ter acesso a informações mágicas. Mordi o lábio.

Ela suspirou.

— Desembucha.

— Como é que eu vou atender os clientes se não sei o que eles estão pedindo? Como é que eu vou saber se é algo que você sabe...

— Eu sei tudo.

— Bem observado. Mas como é que eu vou saber o que é uma emergência e o que é algo que pode esperar algumas horas?

Ela coçou o queixo.

— Faz sentido.

— E você acabou de dizer que o Consórcio não gosta que as informações sejam compartilhadas com pessoas não mágicas, então, olha só, se você compartilhasse uma coisinha ou outra seria uma pequena transgressão.

Estreitando os olhos, ela me analisou.

— Como você me conhece tão bem? Não gosto disso. Mas eu sou mesmo fã de pequenas transgressões.

— Que mal teria? Como você disse, eu não sou mágico. Eu não poderia fazer nada com as informações de qualquer jeito.

— Você é duro na queda, Rook. Mas tudo bem. Vou te ensinar o mínimo necessário. Mas nada sai daqui. — Ela apontou para o notebook. — Sem internet. Sem documentos. Na feitiçaria, nós preferimos pergaminhos e livros, e eles são completamente monitorados e regulados pelo Consórcio. Então nada de fazer anotações. Tem que ficar guardado aqui. — Ela tocou a cabeça com a unha comprida.

— Combinado.

— Certo, vamos por partes. — Ela se sentou à mesa ao meu lado. — Feitiços, maldições e maus agouros.

— O quê? Nós vamos começar *agora*?

— A hora é agora. — Ela cruzou as pernas. — Ou você não quer aprender?

— Não! Não, eu quero aprender. Vamos lá.

— Certo, então maus agouros são o nível mais baixo, fáceis de desfazer e geralmente desaparecem sozinhos. São inconvenientes, não necessariamente feitos para machucar ou prejudicar. Só para aborrecer mesmo. Por exemplo: pegar todos os sinais vermelhos a caminho de casa ou pisar em uma peça de Lego. Os maus agouros não têm grande poder e muitas vezes são conjurados porque alguém irritou outro alguém e a pessoa quer se vingar. Eles são meu tipo preferido de magia, porque podem ser curiosamente específicos e às vezes bem engraçados. — Ela riu. — Uma vez, eu agourei um ex meu para ele zurrar como um burro toda vez que risse durante uma semana. Foi genial. Ele não conseguia desfazer porque, bom, eu que tinha lançado o mau agouro, né — ela disse, dando uma piscadinha. — Enfim, isso aconteceu há um bom tempo, já superei e com certeza não marquei na minha agenda para agourar o falecido uma vez por ano.

— Uau. Uau. Uaaaaau. Muita informação, chefinha. — Nota mental: não deixar a Antonia escrever o meu nome em uma agenda. Eu pigarreei. — Então é um tipo de diversão inofensiva.

Antonia enrugou o nariz.

— Se você foi agourado para não poder pisar nas riscas da calçada e tiver que andar na rua e for atropelado por um ônibus por causa disso, então não é tão inofensivo assim.

— Ah.

— Os maus agouros não são tão difíceis de desfazer, mas os agourados não conseguem desfazer o mau agouro sozinhos. Eles precisam pedir ajuda, então eu recebo muitas ligações para fazer o contra-agouro. Mas, como eu disse, a maioria dos maus agouros são breves e às vezes a pessoa que é agourada nem sabe. Acham que é só um dia de azar.

— Certo. Entendi.

— Feitiços são bem parecidos. Eles são um pouco mais poderosos, duram um pouco mais... — Antonia foi interrompida pelo som do telefone. Ela deixou o café na mesa e colocou a mão no bolso da calça de alfaiataria que vestia. Tirou um celular com uma tela quebrada e um fundo de tela cheio de ícones sobre a imagem de um... cachorro?

— Hum. É Fable Page, também trabalha desfazendo feitiços. Preciso atender. Aula encerrada por enquanto. — E pulou da cadeira, balançando os quadris a caminho da sala dela. Ela atendeu à ligação. — A que devo a honra,

Fable? O que você quer que eu salve hoje? — Ela gargalhou ao ouvir a resposta e então fechou a porta.

E eis que eu estava sozinho no escritório de novo, não fosse pelo Herb, que estava ali parado com aquele jeitão esquisito no canto, aqueles braços magrelos cruzados, nitidamente incomodado com a minha presença. Pelo menos o capacho tinha me acertado só quando eu cheguei de manhã e não estava tentando ativamente me fazer dar de cara na parede outra vez. O meu nariz ainda estava meio dolorido e inchado, mas, por sorte, o hematoma ficou pequeno. Com a Antonia ocupada e o computador trabalhando sozinho, coloquei a mochila entre os meus pés, a abri e enfiei a mão dentro dela.

Eu tinha embrulhado o Mapeador de Magia em um moletom macio para deixá-lo protegido e o coloquei na mochila de manhã. Era do tamanho de um tablet, formado por uma amálgama de diferentes equipamentos eletrônicos, mas que acabou se transformando em algo completamente diferente. Ao ligar, a luz verde de cima acendeu. A tela piscou e ganhou vida, centralizando em um mapa da região, com o escritório da Antonia bem no meio. Na tela, uma linha verde espessa apareceu no topo e deslizou pela cidade, para então desaparecer.

Engoli em seco. No apartamento, o Mapeador de Magia nunca mostrou dado algum, pois não havia nenhuma linha de Ley perto de onde eu morava. Eu sabia. Todas as pessoas do prédio com quem conversei confirmaram que a região era livre de magia, o que fazia parte do charme para alguns moradores. Mas agora a tela estava funcionando. Caramba. Estava funcionando *mesmo*. E fazia sentido que o escritório da Antonia ficasse bem em cima de uma linha de Ley poderosa. Passei os dedos por cima e, tocando de leve, fiz o mapa girar, mas a linha de Ley sumiu da tela. Hum. Eu precisava aprimorar isso, ver se conseguia aumentar a distância a que o Mapeador de Magia conseguia detectar a energia mágica, mas, por ora, eu estava em êxtase porque a minha invenção tinha funcionado. Agora, a única coisa que eu precisava fazer era confirmar se a informação exibida estava correta.

A porta do escritório da Antonia abriu e enfiei o aparelho de volta na mochila.

— Preciso dar uma saidinha — ela disse, vestindo um casaco leve e prendendo o cabelo em um rabo de cavalo. — Fable precisa da minha ajuda com um piano enfeitiçado. O instrumento parece estar muito volátil. Costuma acontecer com objetos deixados como herança se os laços familiares e as memórias são muito fortes.

— Ahm... tá bom.

— Você tem o meu número. Se alguém ligar, anote as informações e ligue para mim. Eu não devo demorar, e se você tiver que ir embora antes de eu voltar, não se esqueça de trancar tudo.

— Eu não tenho a chave.

Ela fez uma careta.

— Chave. Claro. Para trancar a porta, porque você não consegue ativar as sentinelas.

Estremeci.

Ela nem ligou.

— Sem problemas. Só não vá embora antes de eu voltar. Ligue se precisar de alguma coisa. Não entre na minha sala e não toque em nada. Nunca. Além do computador e dos telefones. Entendido?

Eu fiz que sim. É óbvio que eu entraria na sala dela e bisbilhotaria tudo. Devia haver alguma informação sobre a localização das linhas de Ley por ali.

— Quer saber, vou... — ela virou o pulso e apontou dois dedos para a sua sala, do outro lado do corredor vazio. Uma explosão de luz saiu da sua mão e bateu na porta de vidro. Uma onda violeta se espalhou por tudo, soltando um zunido grave, como se fosse eletricidade, então a luz foi enfraquecendo até desaparecer.

Meu queixo foi parar no chão. Caramba.

— Afastando a tentação — ela disse. — As sentinelas vão machucar um pouquinho se você decidir arriscar. Eu não arriscaria. O Herb está aqui para atender a porta. — Ela deu um sorriso cheio de dentes, de um jeito que era para ser reconfortante, mas que saiu um tantinho ameaçador. — Relaxe. Nada vai acontecer enquanto eu estiver fora. O movimento está fraco esta semana.

— Tá bom. — eu respondi com o meu melhor sorriso falso, que não entregasse a minha decepção por ter sido trancado para fora da sala, longe do livro gigantesco da mesa dela, que provavelmente continha as informações de que eu precisava. — Deixa comigo. Não se preocupe. Eu estou bem.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Você é um garoto estranho. Ligue se acontecer alguma coisa.

— Entendido. Eu vou ficar bem.

O capacho enfeitado não mexeu nenhuma fibra enquanto Antonia estava em cima dele, ficando os saltos no seu tecido.

— Eu sei, senão eu não sairia. — Ela se virou e saiu fechando a porta.

De repente, lá estava eu, sozinho em um escritório enorme sem ideia do que fazer. Me afundei na cadeira e fiquei brincando com os meus dedos. Antonia tinha razão. Eu ficaria bem. Eu só precisava atender o telefone. O que poderia dar errado, afinal?

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. **FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JUNHO DE 2023**